

# UM MOCHO INTOLERANTE

Não sou um navegador da *net* e as vezes que por lá passo, é para coisas bem mais importantes que ler os *blogues* dos insatisfeitos, dos incompreendidos, dos sábios, dos nervosos e daqueles que, na falta de outra tribuna, optam por esta camuflagem de cara descoberta. Alertas de vários quadrantes e amizades, apontaram-me um *Mochó* do dia 3 de Outubro último. Felizmente que podemos usar a nossa liberdade de pensamento e expressão e, quem como eu viveu mais de três décadas sob a lei da rolha, sabe quanto isso vale. Todos têm o direito à indignação, à veneração, à adulação e até à advocatura de causas, prematuramente perdidas ou ganhas. Mas daí, até à instigação ao ódio, à intolerância e à perseguição, vai uma longa distância, que ultrapassa os limites do decoro, da moral e da educação. O *Mochó* do último dia 3, é a prova acabada da contradição, da intolerância e do insulto. Não vamos alargar-nos em comentários porque eles serão desmerecidos, nem vamos aqui justificar o que no Renascimento se escreveu ou escreve e que acomoda e incomoda. E, em relação ao Renascimento, no *Mochó*, para além de tudo o mais, lia-se o seguinte: "*Mas os leitores devem fazer mais. Os leitores devem anular as assinaturas, enviar cartas de protesto, enviar mensagens de protesto...*" Ora isto não é mais que o cantar agoirento de um *Mochó* nervoso, indelicado e intolerante. Tem o direito de não gostar, de dizer e desdizer e até de agoirar como bem lhe aprouver, mas não tem o direito de brandir a espada da ofensa, da campanha torpe, insidiosa e mal educada. Desmascarou-se!...

Desconhecemos as razões que levam o *Mochó* a duvidar do funcionamento do nosso *email*, mas ele funciona e lá chegaram duas mensagens, iguais no protesto mas diferentes na adjectivação. Uma, era subscrita por José Manuel Pais Martins a outra por Paulo Sousa.

A ambos, o director do Renascimento gostava de deixar dito o seguinte: Este jornal tem quase oitenta anos de história, inteiramente dedicados às causas de Mangualde e das suas gentes. Com altos e baixos, querido e mal-amado, adorado e odiado, tem sobrevivido a todas as inclemências, mormente as políticas, porque o objectivo é Mangualde. Não nos lembramos de Mangualde somente em alturas de eleições. Estamos cá sempre. Expômo-nos à incompreensão, erramos como qualquer mortal, aceitamos a crítica e repudiamos a intolerância. Não nos acomodamos, porque somos Mangualde e é Mangualde que quizenalmente levamos a três milhares de mangualdenses, sendo que metade estão além fronteiras. Tentamos levar o que por cá acontece e se vai fazendo, bem ou mal conforme os prismas. É isso que os nossos assinantes querem de nós.

Nelson Amaral Veiga  
Director